

COLABORAÇÕES E PROBLEMATIZAÇÕES DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

É inegável que as tecnologias digitais têm provocado transformações nas relações humanas, no tribal e, consequentemente, no âmbito educacional, tanto nos aspectos relativos aos processos de formação inicial, quanto nas práticas cotidianas de sala de aula. O período pandêmico, causado pela disseminação do coronavírus SARS-CoV-2o, gerou um cenário que exigiu, e ainda exige, dos professores reflexão contínua sobre suas práticas ante a utilização de recursos, ou ante a ausência deles, em contextos antes não imaginados. Com a necessidade de isolamento físico, o caminho de urgência para a sequência das aulas nos dois primeiros anos do surto de covid-19 foi o desenvolvimento do Ensino Remoto Emergencial (ERE). O período de 2020 a 2022 escancarou inúmeros problemas como as desigualdades no acesso aos recursos tecnológicos e, consequentemente, a falta de conhecimento no uso deles. Segundo Ribeiro (2021, p. 3), em estudo publicado durante o período pandêmico, “O que temos feito, em termos de “ensino remoto” ou atividades não-presenciais pode ser identificado à gambiarra, na medida em que fomos nos ajustando às pressas, improvisadamente, com os poucos recursos de que dispúnhamos [...]”.

Tendo como foco a educação linguística, o presente dossiê apresenta resultados de investigações, efetivadas por pesquisadores e pesquisadoras de diversas partes do Brasil, que tratam de problematizações teóricas e de reflexões sobre práticas educativas mediadas pela utilização da tecnologia, tanto em nível universitário, na educação básica, quanto em contextos extra-curriculares, por exemplo, em programas extensionistas.

Em um momento em que os professores se reinventam, frente a novas formas de docência, inseridos em realidade cada vez mais alinhada à utilização de aparelhos tecnológicos, aplicativos de videoconferência e, mais recentemente, às infinitas possibilidades trazidas pela Inteligência Artificial (IA), sobretudo as IA generativas, acreditamos que refletir sobre o ensino de línguas e a formação de professores é indispensável para, a partir da compreensão da contemporaneidade em suas nuances políticas e teórico-práticas, buscar a construção de possibilidades de atuação. Nossa posicionamento é de que a questão tecnológica perpassa dimensões que ultrapassam a



mudança técnica, há questões morais e sociais que a atravessam. Não podemos nos esquecer que a mesma tecnologia que rompe as barreiras geográficas, também marca desigualdades vividas por grupos excluídos de forma explícita ou implícita, seja por questões etárias, raciais, de gênero, de posição social etc.

Coincidimos com as ideias de Freire (1984) quando escreve:

Em primeiro lugar, faço questão enorme de ser um homem de meu tempo e não um homem exilado dele, o que vale dizer que não tenho nada contra as máquinas. [...] Para mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão? Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão postas em uso. [...] Para mim os computadores são um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola. [...] (Freire, 1984, n.p)

Desse modo, defendemos que o processo de formação desse docente, inicial ou continuado, deve basear-se no diálogo constante com experiências vividas por meio das possibilidades tecnológicas, sempre, de maneira crítica e atenta aos meandros sociais, éticos e políticos que perpassam a linguagem em sua produção humana.

Quanto mais avançam os estudos sobre a tecnologia e seu impacto no ensino e aprendizagem de línguas e na formação de professores, mais complexo o tema parece tornar-se, uma vez que está alinhado à vida em uma sociedade em constante mutação. Leffa (2012), em seu texto *Ensino de línguas: passado, presente e futuro*, publicado há treze anos, foi profético quando afirmou que não ensinamos para o presente e sim para uma possibilidade de uso mais adiante e que o futuro é cada vez mais imprevisível (Leffa, 2012). Na sequência, apresentamos os 16 artigos e uma resenha que compõem este dossiê.

Iniciamos com manuscrito intitulado *Tecnologias digitais na escola pública: reflexões sob a ótica do materialismo histórico-dialético*, de Maria Nilvane Fernandes, Ana Patrícia Peinado e Silva e Maricélia Ferreira dos Santos Paiva. O texto evidencia que a presença, ou não, das tecnologias reproduz as condições econômicas e sociais dos atores envolvidos. As autoras afirmam que as tecnologias digitais podem constituir-se em ferramentas de emancipação e favorecer práticas que visem à transformação social. Contudo, o discurso de inovação tecnológica pode esconder desigualdades, responsabilizando os indivíduos pelas adversidades. O manuscrito indica a necessidade de investimentos em políticas públicas, formação docente, entre outros aspectos, considerando a realidade local.

Em *Linguagem, tecnologia e práxis no AEE: mediações e contradições da formação docente*, Estevão dos Santos e Vania Cristina Marques analisam os efeitos da cultura digital no Atendimento Educacional Especializado (AEE). O estudo considera a tecnologia como produção social e advoga a favor de sua mediação crítica como apoio da prática pedagógica no AEE. No artigo, os autores defendem práticas educativas sensíveis que estejam relacionadas com escuta, inclusão e transformação coletiva.

No artigo *Narrativas sobre tecnologias na terceira idade: vivências em teletandem autônomo durante a pandemia*, o autor Victor César de Oliveira apresenta um estudo sobre narrativas orais produzidas por mulheres idosas, participantes do

programa Universidade aberta à terceira idade (UNATI/UNESP) que, durante a pandemia, integraram um grupo de teletandem (interação síncrona via aplicativos de webconferência) com parceiros jovens de uma universidade estrangeira. Por meio da análise de narrativas produzidas por essas mulheres, busca compreender como percebem a utilização das TDIC e os significados atribuídos a essas tecnologias.

Vivian Nádia Ribeiro de Moraes-Caruzzo, Débora Spacini Nakanishi e Sandra Mari Kaneko-Marques, autoras do manuscrito *Experiências virtuais de ensino de inglês e formação docente em contextos de extensão e internacionalização universitária*, apresentam as experiências de ensino on-line e a formação docente, inicial e continuada, nos Centros de Línguas e Desenvolvimento de Professores (CLDP) e no Programa de Línguas Estrangeiras da Unesp (PLEU). No texto, são problematizadas ações mediadas pelas tecnologias e questões método-tecnológicas desenvolvidas no âmbito da extensão e da internalização com base em vivências e dados métricos.

No manuscrito *Formação docente inicial: experiências interculturais mediadas por telecolaboração entre estudantes brasileiros e argentinos*, as autoras Ana Luzia Videira Parisotto, Rozana Aparecida Lopes Messias e Ana Cecília Pérez apresentam um estudo com foco no desenvolvimento da competência intercultural deflagrada em sessões telecolaborativas entre estudantes brasileiros de licenciatura da Unesp (Brasil) e estudantes da Universidade Nacional de Córdoba (Argentina). Tendo como foco o processo de formação inicial de professores e as demandas que a prática docente impõe na relação com as diferentes culturas e a necessidade de integrá-las, o estudo, pautado no acompanhamento das sessões de interação, na aplicação de questionários, fichas de acompanhamento e registros reflexivos, demonstrou a relevância desses espaços interculturais na ampliação de horizontes formativos.

Kelly C. H. P. de Carvalho, Fernanda Tamarozi de Oliveira e Karin A. H. P. Ramos, autoras do artigo *A circulação de textos literários no teletandem: breve análise e considerações a respeito da formação de professores de Espanhol*, discorrem sobre como o compartilhamento e a leitura de textos literários em contexto telecolaborativo de teletandem, na disciplina de língua espanhola de uma universidade brasileira, em parceria com uma universidade mexicana, podem contribuir para a formação de professores de Espanhol e suas literaturas. Segundo as autoras, leituras e discussões dos textos propostos fomentam o desenvolvimento da competência linguística e intercultural e a sensibilização para o trabalho estético com a palavra.

No artigo *Emoções e tecnologia na formação de um professor em estágio supervisionado no contexto da desinformação digital*, os autores Edielle Moura e Rodrigo Camargo Aragão realizam um estudo qualitativo, de base narrativa com foco no processo de formação inicial de um licenciando de língua inglesa em processo de estágio supervisionado. Esse trabalho, por meio da produção de narrativa multimodal, tecnobiografia, diário oral reflexivo e autoavaliação, permitiu demonstrar que, entre outros aspectos voltados aos processos de formação inicial do docente de línguas estrangeiras, as emoções relacionam-se diretamente ao despreparo para lidar com tecnologias digitais, bem como com os desafios oriundos da desinformação.

Fabíola Jerônimo Duarte Lira, autora do artigo *Letramento antirracista na era digital: o papel do Geledés como ferramenta para o combate às imagens de controle*,

retrata um estudo pautado na aplicação de uma proposta de letramento antirracista para estudantes do Ensino Fundamental II, por meio da utilização do site Geledés, Instituto da Mulher Negra. Por meio da aplicação dessa ação educativa, mediada pela tecnologia, a autora aponta que foi possível desenvolver a consciência crítica dos alunos no que tange a questões atinentes a discriminação.

O manuscrito *Novos letramentos na cultura digital: o Padlet como objeto digital de aprendizagem na escrita colaborativa em aulas de língua portuguesa*, de Anderson Alves da Silva Viveiros e Naziozênia Antonio Lacerda, discute a experiência de uma turma do 9º ano, nas aulas de língua portuguesa, usando a plataforma *Padlet* para a escrita colaborativa de editoriais. Os resultados apontam várias contribuições, entre elas a colaboração, a participação e a distribuição na escrita colaborativa.

Em *Inglês em jogo: trilhando um percurso didático rumo à gameducação linguística*, Eduardo Oliveira Sardinha Pires, Cristiane Rosa Lopes e Michely Gomes Avelar analisam a aplicação de um percurso didático em aulas de língua inglesa. Por meio de uma ação extensionista em parceria universidade e escola, desenvolvida através de oficinas, foram concretizadas aulas de língua a partir de multimodalidades como o filme *Free Guy* e o game *The Legend of Zelda: Majora's Mask*. Os resultados, segundo os autores, indicaram a importância da integração entre tecnologias digitais e aulas de línguas, por um viés crítico e sensível ao contexto escolar.

O artigo intitulado *Quadro em movimento: o gênero discursivo digital whiteboard animation e suas potencialidades*, de autoria de Fernando Gonçalves de Souza Neto, Filipe Santos Guerra e Márcia Helena de Melo Pereira, discute como a combinação de elementos verbo-visuais dinâmicos pode colaborar no processo de mediação pedagógica. Os resultados evidenciam que a estrutura multimodal do *whiteboard animation* facilita a compreensão de narrativas complexas e aproxima os alunos dos conteúdos de forma natural e interativa.

Em *EducTok como um gênero discursivo*, os autores Maria Ariane Santos Amaro da Silva e Manassés Moraes Xavier analisam três vídeos de diferentes áreas, quais sejam, Português, História e Matemática, veiculados na plataforma *TikTok*. Defendem o *EducTok* como um gênero discursivo emergente, conforme concepção de gêneros do discurso de Bakhtin, pois apresentam estabilidade relativa e dialogismo ativo. O texto destaca a possibilidade de, nos comentários, interação com conteúdos, evidenciando compreensões, esclarecimento de dúvidas, entre outros aspectos.

Daniel Alves, autor de *Sequência didática para o ensino introdutório de sistemas de memória de tradução para aprendentes adultos*, propõe uma sequência didática (SD) que sugere tarefas de tradução de cantigas de roda e de fábulas infantis. A escolha do material justifica-se por serem de domínio público e devido às características de repetição desses gêneros textuais. Isso permite, segundo o autor, visualizar o funcionamento dos sistemas de memória de tradução.

Em *Integração crítica de tecnologias digitais e DDL no ensino de línguas para fins específicos: aplicações no contexto tecnológico*, Silmara Ribeiro Moscatelli, Paula Tavares Pinto e Luciano Franco da Silva desenvolvem, descrevem e aplicam sequências didáticas (SD) baseadas em corpora, concentrando-se no gênero ceremonial. A elaboração das SD pautou-se na Linguística de *Corpus*, aliada à abordagem *Data-*



Driven Learning (DDL). A pesquisa evidenciou o potencial dessa integração para a elaboração de materiais didáticos que atendam às especificidades do ensino superior tecnológico.

Zacarias Oliveira Neri e Maria Angélica Freire de Carvalho, no artigo *Inteligência artificial e a geração do texto dissertativo-argumentativo*, compararam o percurso de elaboração das ideias de um texto dissertativo-argumentativo gerado pelo ChatGPT e de um texto nota mil, expresso na Cartilha do Participante do Enem, elaborado por um candidato. Os resultados indicam que os textos produzidos pela inteligência artificial não devem ser copiados, pois isso pode levar ao comprometimento das habilidades de compreensão e produção escrita e prejudicar a formação de alunos-escreventes.

No artigo *Avaliando os avaliadores: quão eficientes são os sistemas de correção automática de redações*, Ronaldo Teixeira Martins e Luan Daniel dos Santos Sousa discutem os resultados de correção de 40 redações de alunos do ensino médio utilizando três sistemas diferentes, quais sejam, coRedação, CRIA e Glau. O estudo evidenciou divergências significativas entre a avaliação humana e a dos sistemas. Os autores indicam a necessidade de aprimoramentos nas tecnologias relacionadas à correção automática de textos para que possam servir de apoio ao ensino de modo mais eficaz.

Para fechar o dossiê, contamos com a resenha do *Guia teórico-prático do intercâmbio virtual* (Rampazzo; Moore, 2024), elaborada por Rosângela de Oliveira. A obra discutida está voltada para docentes, em exercício e em formação, da área de ensino de línguas.

Agradecemos a autoras, autores, pareceristas, comissão editorial, pelas contribuições para que o presente número pudesse ser organizado. Agradecemos igualmente à *Revista Leia Escola* pelo espaço disponibilizado e, por fim, convidamos leitoras e leitores para a apreciação dos manuscritos que fazem parte deste dossiê.

Rozana Aparecida Lopes Messias
Universidade Estadual Paulista - FCL/Assis

Daniela Sayuri Kawamoto Kanashiro
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

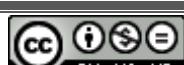
Michael J. Ferreira
Georgetown University - EUA



10.35572/rle.v25i2.7175

Referências

FREIRE, Paulo. A máquina está a serviço de quem? **Revista BITS/Paulo Freire. Textos selecionados.** Vol. 26. São Paulo: IPF, 1984. Disponível em:



http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/24/FPF_OPF_01_0027.pdf?sequence=2&isAllowed=y Acesso em: 17 set. 2025.

LEFFA, Vilson. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Revista de Estudos da Linguagem.** [S.1], v. 20, n. 2, p. 386-411, Dec. 2012.

RIBEIRO, Ana Elisa. Educação e tecnologias digitais na pandemia: ciclos da precariedade. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, 2021, p. 1-16. Disponível em: <<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/270>>. Acesso em: 17 set. 2025.